DOI 10.35168/2175-2613.UTP.pens_ed.2026.Vol21.N59.pp107-126

REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA PEDAGOGIA HOSPITALAR E NO ATENDIMENTO DOMICILIAR POR MEIO DE CARTAS PEDAGÓGICAS

REFLECTIONS ON TEACHING PRACTICES IN HOSPITAL PEDAGOGY AND HOME-BASED INSTRUCTION THROUGH PEDAGOGICAL LETTERS

Joelma Fátima Castro[1]
Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula[2]

Resumo

Este artigo tem como objetivo investigar o trabalho pedagógico desenvolvido por professores e pesquisadores com crianças e adolescentes em tratamento de saúde através de Cartas Pedagógicas. Neste trabalho, serão apresentados os resultados parciais de uma pesquisa de doutorado de uma Universidade Pública do Estado do Paraná. A tese foi construída a partir das narrativas de professores e pesquisadores da Pedagogia Hospitalar de diferentes regiões do Brasil escritas em cartas. Na metodologia, adotou-se uma abordagem qualitativa, com base na tipologia dos estudos narrativos e na pesquisa-formação narrativa (auto)biográfica. Por meio de levantamento bibliográfico e análise das cartas foi possível compreender como as práticas pedagógicas vêm sendo construídas no contexto da educação hospitalar e do Atendimento Pedagógico Domiciliar. Os resultados apontam para a complexidade dessas práticas e para a necessidade de refletir sobre a formação docente voltada a esse campo. O estudo propõe, assim, fomentar discussões que contribuam para a qualificação de professores que desejam atuar com crianças e adolescentes em tratamento de saúde, além de oferecer um novo olhar sobre a Pedagogia Hospitalar, com base nas experiências de docentes e pesquisadores que atuam para além dos muros da escola.

Palavras-chave: Pedagogia Hospitalar. Atendimento Pedagógico Domiciliar. Cartas Pedagógicas.

Abstract

This article aims to investigate the pedagogical work developed by teachers and researchers with children and adolescents undergoing health treatment through Pedagogical Letters. The paper presents partial results of a doctoral research project conducted at a public university in the state of Paraná, Brazil. The study was built upon the narratives of teachers and researchers in Hospital Pedagogy from different regions of Brazil, written in letter format. A qualitative approach was adopted, based

1 Doutoranda e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade Estadual de Maringá (PPE-UEM). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Social em Saúde. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8948-7406 E-mail: castrojoelmaf@gmail.com
2 Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora associada da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, PR, Brasil. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-8619-7558 E-mail: erciliaangeli@yahoo.com.br

on narrative studies and narrative (auto)biographical research-training. Through a literature review and the analysis of the letters, it was possible to understand how pedagogical practices have been constructed in the context of hospital education and home-based pedagogical assistance. The results highlight the complexity of these practices and the need to reflect on teacher education oriented toward this field. The study seeks to foster discussions that contribute to the professional development of teachers who wish to work with children and adolescents undergoing health treatment, as well as to offer a new perspective on Hospital Pedagogy, grounded in the experiences of educators and researchers who work beyond the traditional boundaries of the school.

Keywords: Hospital Pedagogy. Home-Based Educational Services. Pedagogical Letters.

Introdução

Ao pensarmos na educação para crianças e adolescentes que se encontram em tratamento de saúde, o Brasil ainda caminha a passos lentos em relação ao reconhecimento do direito à educação, ao lúdico e à cultura para esses indivíduos.

Atualmente, o nosso país possui legislações específicas, como a Constituição Federal (Brasil, 1988), o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Brasil, 1990) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (Brasil, 1996), que garantem seus direitos; porém, há muito a se discutir sobre esse assunto.

Devido ao desconhecimento desse direito por grande parte da população, muitas crianças e adolescentes, durante a internação ou mesmo quando precisam permanecer em casa e receberem atendimento pedagógico domiciliar, têm tido seus processos de escolarização interrompidos em virtude da ausência de políticas públicas efetivas e do desconhecimento, por parte da maioria da população do trabalho dos professores e pesquisadores em exercício nos hospitais e em atendimentos pedagógicos domiciliares.

É preciso enfatizar que as crianças e os adolescentes, mediante a situação de vulnerabilidade em que se encontram, precisam manter laços de afetividade com seus familiares e amigos. Concomitantemente, é necessário que permaneçam inseridos em ambientes que possibilitem o seu desenvolvimento integral por meio da ludicidade, do brincar, da arte e da educação. Por isso, o papel do professor e dos pesquisadores da Pedagogia Hospitalar e de projetos de extensão, nesses contextos, é de extrema importância para que as crianças e os adolescentes em tratamento de saúde possam dar continuidade aos processos escolares e se sintam pertencentes ao mundo lúdico, afetivo e de relações de amizade, mesmo durante sua internação.

Além disso, as crianças e os adolescentes têm o direito de dar continuidade aos seus processos de escolarização, pois o "conhecimento é o mais forte instrumento de poder. Não é admissível que o conhecimento atual e efetivo para conduzir a sociedade fique restrito a poucos" (D'Ambrosio, 2005, p. 105). Assim, é preciso que os professores e pesquisadores da Pedagogia Hospitalar, ao planejarem suas ações pedagógicas para esses estudantes, considerem as especificidades de cada pessoa e possibilitem o acesso ao conhecimento científico a todos.

As relações afetivas são essenciais para as crianças e os adolescentes que estão hospitalizados, em Atendimento Pedagógico Domiciliar, em casas de acolhida ou em clínicas psiquiátricas, pois motivam as pessoas a expressarem seus sentimentos, sonhos e medos, além de compreenderem o outro, respeitarem o tempo e espaço do próximo e começarem a reconhecer que, mesmo estando em tratamento de saúde, possuem direitos e deveres que devem ser respeitados.

Uma maneira de estreitar esses laços afetivos e conhecer as histórias de vida das crianças e dos adolescentes é por meio de cartas, conforme descrito por Paula e Leiro: "As cartas representam um gênero textual que oportuniza, tanto para as crianças quanto para os jovens, um tipo de escrita na qual podem expressar seus sentimentos, dramas, dificuldades e sonhos particulares" (Paula; Leiro, 2021, p. 2).

As cartas permitem que tanto as crianças quanto os adolescentes, jovens e adultos possam se expressar, escrevendo sobre seus medos, angústias, sonhos e alegrias. Apenas um pedaço de papel e um lápis bastam para que as pessoas contem sobre seus mundos e tudo o que as cerca.

Dessa maneira, este artigo tem como objetivo refletir o trabalho pedagógico desenvolvido por professores e pesquisadores com crianças e adolescentes em tratamento de saúde, por meio de Cartas pedagógicas, tendo como metodologia uma abordagem qualitativa, com base na tipologia dos estudos narrativos e na pesquisa-formação narrativa (auto)biográfica.

Para a análise das cartas, consideramos três categorias principais: 1) adaptação curricular; 2) amorosidade e responsabilidade nas práticas pedagógicas; e 3) saberes necessários às práticas pedagógicas na Pedagogia Hospitalar.

Diante do exposto, este artigo ainda evidencia a relevância do trabalho de diferentes professores e pesquisadores de várias cidades e estados no Brasil, que têm contribuído com suas práticas pedagógicas para a formação de docentes que desejam atuar na área da Pedagogia Hospitalar e para a comunidade de crianças e adolescentes em tratamento

de saúde. Tais experiências ilustram como "A prática do professor está em constante processo de transformação na medida em que ele questiona, pesquise e reflita sobre o que faz, por que faz e como faz" (Pesce; Trentini, 2022, p. 193).

Dessa maneira, inicialmente apresentaremos o conceito de Pedagogia Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar, englobando as principais leis que buscam garantir o direito de todas as crianças e adolescentes, mesmo durante o tratamento de saúde. Posteriormente elencamos o que são cartas pedagógicas e, em seguida, discorremos sobre a metodologia utilizada para este estudo e análise dos dados coletados na escrita das Cartas pedagógicas.

Pedagogia Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: o direito à educação

A preocupação com o bem-estar, com o desenvolvimento e com os direitos da criança e do adolescente constitui uma responsabilidade coletiva, que envolve a família, a escola e o Estado. O Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA) aprovou o texto proveniente da Sociedade Brasileira de Pediatria, que estabeleceu a declaração dos direitos da criança e do adolescente hospitalizado, Resolução nº 41, de 13 outubro de 1995, frisando o seguinte: "Direito a desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar, durante sua permanência hospitalar" (BRASIL, 1995).

Embora a legislação brasileira reconheça o direito à educação de crianças e adolescentes em tratamento de saúde, a efetivação desse direito ainda ocorre de maneira desigual no país. O Ministério da Educação (BRASIL, 2002), por meio da Secretaria da Educação Especial (SEESP), fomentou o documento que aborda as estratégias e orientações para a promoção de atendimento pedagógico em espaços hospitalares e domiciliares, denominado "Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: estratégias e orientações". Nesse documento, apresenta-se uma denominação à classe hospitalar:

> Denomina-se classe hospitalar o atendimento pedagógico-educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde, seja na circunstância de internação, como tradicionalmente conhecida, seja na circunstância do atendimento em hospital-dia e hospital-semana ou em serviços de atenção integral à saúde mental (BRASIL, 2002, p. 13).

O atendimento pedagógico realizado em ambiente hospitalar é organizado de maneira que as crianças e os adolescentes possam dar continuidade aos estudos enquanto permanecem internados, respeitando suas especificidades e, ao receberem alta, possam retornar à escola de origem ou prosseguirem os estudos de forma domiciliar.

Nesse sentido, Lino (2018) nos aponta que o atendimento na classe hospitalar, além de minimizar a ansiedade, a dor e o medo no período de internação, possibilita que a criança e ao adolescente continuem adquirindo conhecimentos escolares. Logo, o atendimento educacional para essas crianças e adolescentes não deve ser visto apenas como um mero passatempo, mas como um meio de garantir o direito à educação estabelecido pela Constituição Federal (BRASIL, 1988).

O trabalho dos professores e pesquisadores com crianças e adolescentes em tratamento de saúde não se restringe apenas ao hospital. Também existem as crianças e adolescentes afastados da escola regular, que se encontram em tratamento de saúde, mas não estão internados. Para eles, destina-se o Atendimento Pedagógico, que é definido como:

> Atendimento Pedagógico Domiciliar é o atendimento educacional que ocorre em ambiente domiciliar, decorrente de problema de saúde que impossibilite o educando de frequentar a escola ou esteja ele em casas de passagem, casas de apoio, casas-lar e/ou outras estruturas de apoio da sociedade (BRASIL, 2002, p. 13).

Ademais, o documento apresenta os seguintes postulados:

> O alunado do Atendimento Pedagógico Domiciliar compõe-se por aqueles alunos matriculados nos sistemas de ensino, cuja condição clínica ou exigência de atenção à saúde, considerados os aspectos psicossociais, interfiram na permanência escolar ou nas condições do conhecimento, impedindo temporariamente a frequência escolar (BRASIL, 2002, p. 16).

À luz das reflexões de Oliveira, Silva e Fantacini (2016), o atendimento educacional domiciliar acontece quando a criança ou o adolescente estão matriculados em uma escola regular, porém não conseguem frequentá-la regularmente em função de algum problema de saúde que os impeça de manter contato social, como, por exemplo, uma criança ou adolescente que tem osteogênese imperfeita “ossos de vidro” e não pode interagir, ou aquele que está fazendo quimioterapia para tratamento de câncer e tem

a imunidade baixa. Nesse caso, o professor, pesquisador ou responsável que trabalhe com a Pedagogia Hospitalar precisa ir até a casa da criança ou do adolescente para que ele tenha acesso à educação e consiga dar continuidade aos seus estudos.

No Brasil, temos várias classes hospitalares em diferentes estados que contratam professores da prefeitura, do estado, e também hospitais nos quais atuam professores concursados pelo Governo Federal. No entanto, ainda não existem políticas públicas que realizem mapeamentos atualizados sobre essa realidade em nosso país.

Como garantia desses direitos à educação para crianças e adolescentes em tratamento de saúde, no estado do Paraná, em 2007, foi implantado, por meio da Resolução nº 2527/2007 (PARANÁ, 2007), no governo de Roberto Requião de Mello e Silva, o Programa de Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar (SAREH).

O SAREH visa ao atendimento aos estudantes que estão passando por algum tratamento de saúde e que estão impossibilitados de realizar presencialmente as atividades em sala de aula nas escolas regulares. O Programa SAREH tem suas atividades voltadas não apenas para os conteúdos escolares, mas também para o bem-estar dos indivíduos durante e após o reingresso à escola, de forma a permitir que a criança e o adolescente desenvolvam relações com seus pares, conheçam mais sobre seus direitos e suas patologias.

Diante do exposto, sabemos o quanto é importante o papel dos professores e dos pesquisadores que atuam com crianças e adolescentes em tratamento de saúde, de modo a contribuir para que estes possam ter acesso à educação, à cultura à ludicidade e, ao mesmo tempo, criar laços afetivos entre seus pares. As Cartas pedagógicas possibilitam que esses profissionais reflitam sobre suas práticas e compartilhem conhecimentos sobre essa área. A seguir, apresentamos o que são Cartas Pedagógicas.

Cartas Pedagógicas como instrumento de pesquisa e formação docente

As cartas permitem que os professores e pesquisadores tragam para a escrita a lembrança das suas infâncias, de como eram suas aulas, das práticas dos seus professores e de ações que contribuíram para a escolha de suas profissões. Mais do que recordações pessoais, essas narrativas permitem compreender como experiências afetivas, lúdicas e educativas atravessam a constituição da identidade docente, especialmente

no trabalho com crianças e adolescentes em tratamento de saúde.

As Cartas pedagógicas estabelecem uma dialogicidade entre quem escreve e quem lê. Não se configuram como simples trocas de correspondências, mas como produções marcadas pela reflexão crítica, pela escuta e pela problematização das experiências vividas. Nesse sentido, dialogam diretamente com a concepção freireana de diálogo:

> É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo de ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação (Freire, 1967, p. 107).

Ao escrever uma Carta Pedagógica, tanto o escritor quanto o leitor se comunicam, construindo uma prática dialógica na qual não é necessário que quem lê concorde com quem escreve, mas é permitido expor suas ideias e sua visão de mundo, pois há respeito e uma relação horizontal entre ambos.

Freire, em suas obras, discorre sobre reflexões, dialogicidade, amorosidade, respeito, luta entre outros temas, e as cartas aparecem em cinco de seus trabalhos: uma obra intitulada: "Quatro cartas aos animadores e às animadoras culturais" (Freire, 1980) publicada no acervo digital Paulo Freire com autorização de seus filhos, e quatro livros: "Cartas à Guiné Bissau: registros de uma experiência em processo" (Freire, 1977), "Cartas Pedagógicas: Professora sim tia não: cartas a quem ousa ensinar" (Freire, 1993), "Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis" (Freire, 1993) e "Pedagogia da indignação: Cartas Pedagógicas e outros escritos" (Freire, 2000).

Consideramos que as Cartas pedagógicas têm como propósito formar e informar por meio de um diálogo compartilhado e, ao mesmo tempo, provocativo, que leva o indivíduo a refletir sobre suas práticas e valores, a sair de sua zona de conforto, e a repensar o que muitas vezes é imposto por uma minoria. Freire afirma que:

> Um dos meus sonhos ao escrever estas Cartas Pedagógicas– se não os tivesse não haveria por que escrevê-las – é desafiar-nos, pais e mães, professoras e professores, operários, estudantes, a refletir sobre o papel que temos e a responsabilidade de assumi-lo bem, na construção e no

> aperfeiçoamento da democracia entre nós (Freire, 2000, p. 16, 17).

A partir dessa perspectiva, compreende-se que as Cartas Pedagógicas não apenas comunicam experiências, mas também produzem movimentos de formação e autoformação docente. Como destaca Camini (2012, p. 33), trata-se de uma "reflexão pedagógica profunda, embasada em temas contextualizados, provocantes e atuais". Assim, as cartas possibilitam que os sujeitos problematizem suas práticas e construam novos sentidos para a docência.

As Carta Pedagógicas não podem ser consideradas apenas uma mera troca de correspondências, elas são permeadas por intencionalidades, afetos e diálogos os quais possibilitam a troca de conhecimentos entre quem escreve e quem lê.

Elas criam elos entre as pessoas, aproximando-as de forma amorosa, com respeito e compromisso. Podemos dizer, portanto, que na Carta Pedagógica há uma ligação indissociável entre a leitura da palavra e a leitura do mundo, pois, para Freire, a educação não consiste apenas em aprender a escrever e a ler. A educação vai muito além: propõe que o aluno desenvolva uma visão de mundo em diversos contextos.

Professores e pesquisadores que trabalham com crianças e adolescentes nos hospitais, atendimentos domiciliares, ambulatórios, ONGs ou hemocentros, precisam respeitar as especificidades dessa população e compreender as histórias e o tempo de aprendizagem de cada indivíduo. Nessa perspectiva, eles têm buscado novas metodologias para realizar as atividades propostas, entre as quais se destacam as cartas, especialmente aquelas escritas à mão, repletas de significados. Nesse ponto, cabe indagar:

> Cartas não existirão mais? Palpáveis, escritas no papel, seladas e impregnadas de significados emocionais agregados a elas pelo ato de enviá-las ou de recebê-las, sentir o seu peso, volume, cheiro e a surpresa de abri-las e desdobrá-las... essas serão raridade. Na verdade, não aguardamos mais por elas e perdemos o hábito de escrevê-las. Mas, talvez, ainda possamos ser surpreendidos, como sugere Flusser, com o recebimento de uma carta de cunho pessoal, amigável e afetiva (Araújo, 2016, p. 76).

Trazer a carta para esta pesquisa é permitir que professores e pesquisadores da Pedagogia Hospitalar, que trabalham com crianças

e adolescentes em tratamento de saúde, vivenciem essas sensações descritas por Araújo (2016). Eles podem escrever para alguém e esperar uma resposta, criando laços de amizade com pessoas de diferentes lugares e culturas que compartilham o mesmo propósito.

A escrita de cartas possibilita que relatem suas ações cotidianas, aulas, dificuldades, experiências, motivos que os levaram a trabalhar com crianças e adolescentes em tratamento de saúde, como o modo como educam, constroem suas práticas pedagógicas e aprendem com as histórias de vida e interações das crianças e adolescentes em tratamento de saúde.

Fundamentação teórica – Desenvolvimento

Ser pesquisador é refletir sobre os caminhos a serem trilhados para desenvolver uma pesquisa, definir qual teoria fundamentará o trabalho e selecionar as metodologias e técnicas adequadas ao objeto de estudo. Nessa perspectiva, Prodanov e Freitas (2013, p. 45) destacam que: "Pesquisar também é planejar. É antever toda a série de passos que devem ser dados para chegarmos a uma resposta sobre a questão que deu origem à pesquisa".

Para a elaboração deste artigo, optamos por uma pesquisa de cunho qualitativo, por compreender que as experiências docentes na Pedagogia Hospitalar não podem ser reduzidas a dados quantitativos ou análises descontextualizadas. Conforme Bogdan e Biklen (1994, p. 50 "Os investigadores que fazem uso deste tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas". Strauss e Corbin (2008, p. 23) complementam que a abordagem qualitativa "pode se referir à pesquisa sobre a vida das pessoas, experiencias vividas, comportamentos, emoções e sentimentos". Por fim, Crewwel (2010, p. 26) ressalta que "A pesquisa qualitativa é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano".

A tipologia dessa pesquisa foi o estudo de narrativas em Cartas pedagógicas através da pesquisa-formação narrativa (auto)biográfica, essa escolha possibilitou compreender não apenas as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos participantes, mas também os sentidos que atribuem à docência em contextos de tratamento de saúde. O estudo dialoga com as contribuições de Souza e Passeggi (2017), Juliana Vieira e Ines Ferreira de Souza Bragança (2020)." Nessa perspectiva teórica da pesquisa-formação Vieira e Bragança defendem que:

> A carta é um importante dispositivo de reflexão, encontro e relações entre pares e grupos. O cotidiano é potencialmente (per)formativo quando o vivido é refletido, escrito, narrado e compartilhado. Narrar as experiências e publicizá-las é um ato ético político, que nasce no movimento memorialístico, mas que tem um fim no campo da ação, através da tematização de experiências, favorecendo os processos identitários e percursos de autoria através da pesquisa narrativa (auto)biográfica e da escrita docente (Vieira, Bragança, 2020, p. 2).

A utilização das cartas nesta pesquisa permitiu acessar experiências subjetivas frequentemente invisibilizadas nas discussões acadêmicas sobre formação docente e Pedagogia Hospitalar. Com base nesse entendimento, escolhemos as cartas como instrumento para compreender, por meio da escrita, como são as práticas pedagógicas com crianças e adolescentes em tratamento de saúde.

Participaram da pesquisa professores atuantes na Pedagogia Hospitalar e no Atendimento Pedagógico Domiciliar, além de pesquisadores vinculados a projetos de extensão voltados ao atendimento pedagógico de crianças e adolescentes em tratamento de saúde. A escolha dos participantes considerou a relevância de suas trajetórias profissionais e acadêmicas na área, buscando contemplar experiências diversificadas de atuação

Os primeiros participantes foram indicados pela orientadora e pela pesquisadora, por conhecerem o trabalho desses profissionais. Os critérios de inclusão foram: professores e pesquisadores com atuação na área, participação em congressos, produção científica e desenvolvimento de cursos ou projetos de extensão na Pedagogia Hospitalar. Os critérios de exclusão abrangeram professores e pesquisadores que não atuam nesse contexto.

O primeiro contato com os participantes foi realizado via WhatsApp, por meio do qual foi enviado um convite para a participação na pesquisa. Concomitantemente, disponibilizamos um link para o preenchimento de um questionário na plataforma Google-Forms, acompanhado de uma carta com orientações detalhadas acerca da escrita da carta pedagógica. A opção pela escrita narrativa buscou favorecer maior liberdade de expressão dos participantes, permitindo que relatassem experiências, inquietações e percepções sobre suas práticas docentes.

Entramos em contato com dezoito professores e pesquisadores, dos quais nove aceitaram participar da pesquisa, respondendo ao questionário

e enviando sua Carta Pedagógica. Desses participantes, sete foram selecionados para compor este artigo.

Entre os participantes, há quatro homens e quatorze mulheres. Todos os homens estão vinculados a projetos de extensão; entre as mulheres, duas também atuam nesses projetos, enquanto as demais são professoras que realizam atendimento pedagógico a crianças ou adolescentes em tratamento de saúde.

No que se refere aos participantes, destaca-se que a pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), tendo sua identidade preservada.

A fim de preservar o anonimato dos participantes, em conformidade com os princípios éticos da pesquisa científica, foram atribuídos nomes fictícios inspirados em flores. Tal escolha justifica-se pelo papel fundamental que a literatura infantil desempenha no atendimento pedagógico de crianças e adolescentes em tratamento de saúde. O objetivo da pesquisa foi refletir o trabalho pedagógico desenvolvido por professores e pesquisadores com crianças e adolescentes em tratamento de saúde através de Cartas pedagógicas. Delineamos como tema para a carta: "O que significa, para você, ser professor e pesquisador no hospital? Quais são suas lembranças sobre as práticas pedagógicas? O que você indicaria aos futuros professores e pesquisadores?"

Solicitou-se ainda que cada participante atribuísse um título à sua carta e definisse os destinatários como: "Carta para futuros professores e pesquisadores de crianças e adolescentes em tratamento de saúde". Não foi estabelecido limite mínimo ou máximo de páginas. Tal decisão metodológica buscou evitar o engessamento das narrativas e favorecer a emergência de experiências, memórias e reflexões construídas de maneira mais livre e autoral.

Entende-se que essa metodologia não apenas possibilitou analisar práticas pedagógicas, mas também evidenciou lacunas formativas, desafios institucionais e tensões entre políticas públicas e realidade educacional. Assim, as cartas tornaram-se dispositivos capazes de revelar aspectos subjetivos, políticos e pedagógicos da atuação docente na Pedagogia Hospitalar e no Atendimento Pedagógico Domiciliar.

A seguir, apresentamos a análise das Cartas Pedagógicas escritas pelos participantes, buscando compreender como suas narrativas expressam concepções de docência, processos formativos e desafios presentes no cotidiano educativo de crianças e adolescentes em tratamento de saúde.

Professores e pesquisadores em diálogo: uma análise das Cartas Pedagógicas

Para a análise do conteúdo das Cartas pedagógicas, fundamentamo-nos nos estudos de Bardin (1977) e Franco (2008). Segundo Bardin:

> [...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 1977, p. 42)

Franco (2008, p. 12) destaca que a mensagem pode ser "verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada". A partir dessas contribuições teóricas, a leitura das cartas possibilitou identificar categorias que evidenciam não apenas práticas pedagógicas, mas também tensões, desafios e lacunas presentes na formação e na atuação docente em contextos de tratamento de saúde., as quais são apresentadas a seguir.

A primeira categoria identificada nas narrativas dos professores e pesquisadores sobre suas práticas em contextos hospitalares refere-se à adaptação curricular. As aulas destinadas a crianças e adolescentes em tratamento de saúde, quando necessário, devem ser ajustadas às particularidades de cada estudante, de modo a favorecer sua participação nas atividades propostas. Nesse sentido, o currículo da Pedagogia Hospitalar e do Atendimento Pedagógico Domiciliar precisa ser flexível, como relata a pesquisadora Dália, de São Luís do Maranhão:

> A escola no hospital é flexível e precisa desenvolver a escuta das crianças, escuta essa que está para além do som audível da fala (Freire (2006) e que deve ir ao encontro das "necessidades e interesses da criança, buscando atendê-las o mais adequadamente possível [...]" (Fonseca, 2003) (Dália, 2024, *sic* trecho extraído da carta).

O relato evidencia que a escuta sensível, discutida por Freire (2006), ultrapassa a dimensão comunicativa e assume papel central na construção de práticas pedagógicas humanizadas. As cartas revelam que o professor da Pedagogia Hospitalar necessita interpretar silêncios, medos, limitações

físicas e oscilações emocionais, elementos frequentemente ausentes na formação docente tradicional.

A professora Jasmim, que atuou cinco anos como professora hospitalar em Maringá, descreve um trabalho desenvolvido no hospital, destacando a releitura de painéis expostos na ala do Pronto Atendimento do HUM, contemplando diversas áreas:

> Preparamos atividades diversificadas e adequadas às necessidades e interesses dos alunos. Notamos que o trabalho diversificado faz o aluno reagir, mostrando suas potencialidades, apesar da doença. Por mais que ele considere estranho o ambiente hospitalar, quando se vê na escola do hospital, ele reage. Produzindo, sente-se mais seguro e confiante. O estudo no hospital, além de transmitir conhecimentos, funciona como uma terapia. O aluno sente-se útil, produtivo, capaz. (Jasmim, 2024, *sic* trecho extraído da carta).

As aulas nesses espaços permitem que as crianças e os adolescentes, ampliem seu aprendizado, troquem experiências, relatem vivências, façam amizades, sintam-se mais seguros durante o tratamento e se preparem para retornar às escolas de origem.

A participante Margarida que atua há quatorze anos com crianças e adolescentes em tratamento de saúde no estado do Paraná relatou: "Todos os alunos internados por logo tempo, que participaram das aulas e fizeram as atividades propostas pelos professores, no CHC no tempo (2010 a 2014) em que trabalhei lá, conseguiram promoção de série" (Margarida, 2024, sic trecho extraído da carta).

Por detrás das palavras de Margarida, percebe-se o quão é gratificante saber que os alunos atendidos por ela em um período de fragilidade, retornaram as escolas de origem e deram continuidade nos processos escolares. É notável que o diálogo, a afetividade, o respeito e o comprometimento que fizeram parte das aulas contribuiu para que as atividades fossem realizadas com êxito e propiciar aos alunos novas conquistas.

Na carta escrita por Girassol, ele nos faz um convite:

> Levem em suas bagagens não apenas as técnicas e as teorias, mas um coração aberto e ouvidos atentos ao que não é dito. Construam palcos, mesmo que improvisados. Ofereçam a argila, a tinta, a música, o conto, o boneco. Criem fissuras de poesia na rotina, pois é nessas fissuras que a vida

> insiste em brotar com a força espantosa (Girassol, 2025, *sic* trecho extraído da carta).

A fala do participante reforça que o trabalho pedagógico nesses espaços não se sustenta apenas em competências técnicas. As experiências narradas demonstram que sensibilidade, escuta e capacidade de improvisação tornam-se saberes fundamentais da docência hospitalar, embora ainda pouco explorados nos cursos de formação inicial de professores.

A segunda categoria elencada nas narrativas expressas nas Cartas pedagógicas foi a 2) Amorosidade e responsabilidade profissional nas práticas pedagógicas.

Iniciamos a segunda categoria apresentando um excerto da carta de Girassol, professor de Artes, que, por meio do Projeto de Extensão "Artes, brincadeiras e literatura para a promoção da educação social em saúde" e de sua pesquisa de mestrado, desenvolvida com teatro de mamulengos junto a crianças atendidas pela Rede Feminina de Combate ao Câncer, em Maringá — intitulada "As contribuições da prática de teatro de mamulengo e da educação social em saúde para crianças e adolescentes com câncer" — fez brotar nas crianças o sorriso e o amor pela arte, evidenciando como as práticas educativas nesses espaços são de extrema importância tanto para a criança quanto para o adolescente:

> Ver aqueles corpos, por vezes frágeis, superando as limitações impostas pela doença para dar vida, para criar, para rir, foi a lição mais profunda. Foi ali que compreendi, de forma indelével, a urgência de uma prática educativa que seja, antes de tudo, humanizadora. (Girassol, 2025, *sic* trecho extraído da carta).

O pensamento de Girassol revela uma experiência de aprendizado profundo, no qual ele traz observações significativas sobre as limitações das crianças e adolescentes impostos pela doença e suas fragilidades, desta maneira, o professor que tua nesses espaços precisa pensar em uma educação humanizadora, ou seja para Girassol a educação também precisa estar voltada para a empatia e o respeito as especificidades de cada aluno que passa pelo atendimento pedagógico durante o tratamento de saúde.

Outra carta analisada, que aborda sobre a amorosidade e responsabilidade profissional nas práticas pedagógicas, é a do participante Lírio. Em um dos trechos da carta, ele discorre que nem sempre o trabalho pedagógico nos hospitais será fácil, haverá momentos difíceis, mas ressalta

que é nesses momentos que o professor precisar ter coragem e paciência para enfrentar os desafios. A seguir, apresenta-se o trecho da carta:

> Haverá diversos momentos em que passamos por mares revoltos, com ondas gigantes e enfrentaremos alguns monstros da complexidade do fazer pedagógico, da dúvida, da teoria que parece estar longe da prática e obstáculos inúmeras vezes inesperados. Outrossim, lembro que precisamos encarar os monstros desses mares não são como inimigos, mas um professor que nos ensina silenciosamente. Enfrentá-lo vai exigir certamente muita coragem, criatividade, paciência e solidariedade (Lírio, 2025, *sic* trecho extraído da carta).

Assim, refletir sobre as práticas pedagógicas exige ir além da técnica. Exige compreender o professor como um sujeito que age com intencionalidade, ética e criatividade, e que, ao enfrentar as adversidades do cotidiano escolar, constrói conhecimentos significativos, tanto para si quanto para seus estudantes.

Lírio nos mostra que precisamos ser resilientes, mesmo diante das dificuldades do cotidiano e que não há uma única teoria correta, mas teorias que precisam ser adaptadas as especificidades de cada aluno que se encontra em tratamento de saúde.

Outro ponto importante descrito nas Cartas pedagógicas são as atividades realizadas no âmbito da Pedagogia Hospitalar e no Atendimento Pedagógico Domiciliar:

> aprendemos que as atividades precisavam ser começadas e terminadas no mesmo dia, pois no dia seguinte por diferentes razões a criança/adolescente poderia não estar mais ali; aprendemos que era preciso dar à criança a possibilidade de escolher a atividade que gostaria de fazer (desenho, pintura, ouvir histórias, jogos...), pois a rotina hospitalar, na maior parte das vezes, não lhe permitia escolhas (Violeta 2025, *sic* trecho extraído da carta).

A participante Violeta destaca duas práticas de aprendizagens no contexto do trabalho com crianças e adolescentes hospitalizados: a importância da flexibilidade ao planejar as atividades e o respeito à autonomia dos indivíduos ao escolherem as atividades.

Além disso, quando a participante discorre que as atividades precisam iniciar e ser finalizadas no mesmo dia, ela nos aponta que o

professor precisa ter sensibilidade e agilidade para adaptar as atividades considerando as especificidades e a realidade de cada aluno, e isso vai ao encontro da escrita de Girassol já mencionada sobre o improviso ao realizar as atividades.

Temos que as cartas mostram que o professor precisa lidar com altas médicas inesperadas, alterações clínicas e limitações físicas dos estudantes, o que demanda práticas flexíveis e capacidade de reorganização constante. Tais elementos revelam desafios estruturais da Pedagogia Hospitalar que nem sempre são contemplados nas políticas educacionais e nos currículos de formação docente.

A terceira categoria elencada nas narrativas expressas nas Cartas pedagógicas foi 3) saberes necessários às práticas pedagógicas na pedagogia hospitalar.

Na terceira categoria, refletimos sobre os saberes necessários às práticas pedagógicas evidenciadas nas cartas dos pesquisadores. Iniciamos apresentando o seguinte trecho da carta:

> A avaliação diagnóstica é fundamental neste processo de aprendizagem, se inicia com a triagem realizada pelo(a) pedagogo(a), caso o hospital disponha e se enriquece com a presença e compromisso do professor de procurar resolver os desafios que vão surgindo. Para mim, o maior desafio é o tempo. É preciso ser flexível e dinâmico(a) para saber e poder mudar rapidamente um plano de aula que por muitos motivos não podem acontecer (Margarida, 2024, *sic* trecho extraído da carta).

A Margarida nos aponta a importância de realizar inicialmente uma avaliação diagnóstica com o aluno que está em tratamento de saúde e irá receber o atendimento pedagógico, visto que é a partir dessa avaliação que o professor poderá planejar atividades pedagógicas que favoreçam o processo de aprendizagem. Prosseguindo a pesquisadora enfatiza que a prática docente precisa ser flexível e dinâmica, capaz de motivar a participação do aluno nas atividades propostas.

Na última carta analisada, a participante Rosa, descreve algumas ações necessárias para que as práticas pedagógicas sejam, de fato, efetivas com os alunos que se encontram em tratamento de saúde. A seguir, apresentamos o trecho dessa carta:

> A ludicidade, que abriu portas para a imaginação, permitindo que os alunos se sentissem livres mesmo dentro dos limites hospitalares:

> • A escuta sensível, que fez da aula um espaço de acolhimento, onde cada história de vida tinha valor e lugar;
> • A interdisciplinaridade, que uniu saberes da educação e da saúde, ampliando horizontes e mostrando que cuidar e educar são verbos que caminham juntos;
> • A flexibilidade metodológica, necessária para adaptar planos, tempos e materiais, respeitando a singularidade de cada aluno.
> • A discussão sobre o luto, de uma maneira amorosa e esperançosa
> • O brilho no olhar da professora da classe, mostrando o amor, a ética e a alegria de ser docente naquele lugar.
> • As prosas que eu e a professora da classe tínhamos dentro do ônibus a caminho do hospital. Isso me ajudou a sentir a docência de forma genuína (Rosa, 2025, *sic* trecho extraído da carta).

Esse trecho da carta evidencia que as práticas educativas na Pedagogia Hospitalar ou no Atendimento Pedagógico Domiciliar articulam afeto, ética e compromisso pedagógico. Busca-se, por meio da ludicidade, da escuta, da afetividade e do diálogo, garantir que tanto a criança quanto o adolescente possam dar continuidade aos seus processos escolares.

Os elementos apresentados pela participante demonstram que a Pedagogia Hospitalar demanda práticas interdisciplinares e humanizadas, capazes de articular educação e saúde. Além disso, as cartas revelam que o trabalho docente nesses espaços exige diálogo constante entre diferentes profissionais, bem como capacidade de adaptação diante das singularidades de cada estudante.

De modo geral, as narrativas analisadas evidenciam que a Pedagogia Hospitalar permanece marcada por desafios relacionados à formação docente, à ausência de políticas públicas efetivas e à fragilidade estrutural dos serviços educacionais em hospitais e atendimentos domiciliares. Embora as cartas expressem experiências sensíveis e potentes, elas também revelam tensões entre o direito garantido na legislação e as condições concretas de sua efetivação.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo investigar o trabalho pedagógico desenvolvido por professores e pesquisadores com crianças e adolescentes em tratamento de saúde através de Cartas pedagógicas. Para isso, apresentamos incialmente a definição de Pedagogia Hospitalar e de

Atendimento Pedagógico Domiciliar, englobando as principais leis que buscam garantir o direito a educação a todo individuo que se encontra afastado da sua escola de origem para a realização de tratamento de saúde.

Em seguida, apresentamos o conceito de Cartas pedagógicas e discutimos como elas contribuíram para alcançarmos o objetivo proposto neste estudo, especialmente por se constituírem como dispositivos de produção de narrativa e reflexão sobre a prática docente em contextos de vulnerabilidade.

No que se refere às cartas, destacamos a forma sensível e amorosa com que os professores participantes escreveram sobre o trabalho desenvolvido com crianças e adolescentes, mesmo diante dos desafios. A análise das cartas evidenciou três categorias principais. A primeira, adaptação curricular, revelou que não existe um currículo pronto ou acabado, sendo necessário que o professor permaneça aberto a mudanças sempre que necessário.

A segunda, amorosidade e responsabilidade nas práticas pedagógicas, enfatizou a importância do respeito e da empatia no trabalho com estudantes em tratamento de saúde, considerando suas especificidades.

Por fim, a terceira categoria, saberes necessários às práticas pedagógicas na pedagogia hospitalar, destacou a relevância da escuta sensível e da ludicidade para o desenvolvimento das atividades.

As cartas revelaram o quanto é recompensador para professores e pesquisadores verem os alunos aprenderem e darem continuidade aos processos escolares. Além disso, é importante destacar o comprometimento desses profissionais, que buscaram readequar as atividades quando necessário e desenvolveram projetos sobre temas variados, além das atividades realizadas por meio das cartas, o que evidencia uma prática docente marcada por improvisação criativa e reconfiguração constante do planejamento.

Ao ler e reler as cartas para a elaboração deste artigo, foi possível perceber que os professores realmente escreveram Cartas pedagógicas pautadas em Freire, demonstrando comprometimento, afetividade e reflexões constantes sobre o tema, destinadas a outros profissionais e leitores, constituindo um movimento de formação entre pares e de produção de saberes docentes situados.

Assim, todas as cartas evidenciaram afetividade, atenção, respeito e dialogicidade entre os profissionais e as crianças e adolescentes em tratamento de saúde, tornando o trabalho eficaz e promovendo uma troca significativa de aprendizagens e experiências.

Além disso, os relatos indicam a importância do diálogo entre teoria e prática, mostrando que nem sempre o planejado pelo professor será cumprido e que, em alguns casos, o improviso é necessário.

Dessa forma, respeitando as condições de saúde dos alunos, o professor consegue desenvolver as atividades e, ao mesmo tempo, considerar o tempo e as necessidades de cada estudante.

Por fim, as cartas trouxeram uma mensagem motivacional e uma dimensão política de garantia de direitos para aqueles que desejam dedicar-se à Pedagogia Hospitalar e ao Atendimento Pedagógico Domiciliar. Observa-se, ainda, que existem lacunas em trabalhos envolvendo Cartas pedagógicas com professores e pesquisadores dessa área, sendo necessários mais estudos para que suas experiências sejam ouvidas e compartilhadas, especialmente no que se refere às tensões entre políticas públicas, formação docente e condições concretas de trabalho nesses espaços.

Como contribuição deste estudo, destaca-se a potência das cartas como dispositivo formativo e investigativo, ao mesmo tempo em que se reconhece como limitação o recorte empírico restrito a um grupo específico de participantes, o que sugere a necessidade de ampliação de investigações futuras em diferentes contextos institucionais e regiões do país.

Agradecimentos

Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Financiamento 001.

Referências

ARAÚJO, D. A. Cartas, memórias e formação docente. In: MARTINS, L. M.; SOUZA, M. N. (org.). Cartas pedagógicas: diálogos e formação docente. Curitiba: CRV, 2016. p. 67–80.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari .Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília-DF, 16 jul. 1990.

BRASIL. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Resolução n.º 41, de 13 de outubro de 1995. Aprova os direitos da criança e do adolescente hospitalizados. Brasília, DF, 1995.

BRASIL. Presidência da República. Lei no. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Casa Civil, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 11 fev. 2026.

CAMINI, A. L. Cartas pedagógicas: um convite à reflexão e à ação docente. Curitiba: CRV, 2012.

CRESWELL, John. W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

D' AMBROSIO, Ubiratan. Armadilha da mesmice em educação matemática. Bolema – Boletim de Educação Matemática, Rio Claro, v. 18, n. 24, p. 95-109, 2005.

FONSECA, Eneida Simões. Educação hospitalar: a humanização no atendimento escolar de crianças hospitalizadas. Curitiba: IBPEX, 2003.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. Análise de conteúdo. 3. ed. Brasília, DF: Líber Livro, 2008.

FREIRE, Paulo. Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

FREIRE, Paulo. Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1993.

FREIRE, Paulo. Quatro cartas aos animadores e às animadoras culturais. República de São Tomé e Príncipe: Ministério de Educação e Desportos, São Tomé, 1980, p. 79. Disponível em: http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/1160 . Acesso em: 18 de set. de 2024.

LINO, Luciana de Oliveira. Pedagogia hospitalar e o direito à educação da criança hospitalizada. Revista Educação Especial, Santa Maria, v. 31, n. 60, p. 1-15, 2018.

OLIVEIRA, Luciana Maria de; SILVA, Rosângela Maria da; FANTACINI, Renata Andrea Fernandes. Atendimento pedagógico domiciliar: contribuições para o processo de escolarização de crianças em tratamento de saúde. Revista Educação Especial, Santa Maria, v. 29, n. 55, p. 1-16, 2016.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Resolução n.º 2527/2007. Institui o Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar – SAREH. Curitiba: SEED, 2007.

PAULA, R. C. de; LEIRO, C. M. Cartas pedagógicas: experiências e narrativas docentes em contextos de cuidado e hospitalidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO (ENDIPE), 20., 2021, Vitória. Anais [...]. Vitória: UFES, 2021. p. 1–14.

PESCE, M.; TRENTINI, A. Pesquisa-ação na formação continuada de professores do ensino fundamental sobre o uso das tecnologias digitais de informação e comunicação. CADERNOS DE PESQUISA: PENSAMENTO EDUCACIONAL, v. 17, n. 46, p. 188-210, 30 ago. 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. Ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.SOUZA, E. C.; PASSEGI, M. C. Pesquisa (auto)biográfica: fundamentos e práticas. Natal: EDUFRN, 2017.

SOUZA, Elizeu Clementino de; PASSEGGI, Maria da Conceição. Pesquisa (auto)biográfica e formação de professores. Revista Educação em Questão, Natal, v. 55, n. 44, p. 10-35, 2017.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

VIEIRA, Juliana; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. A escrita de cartas pedagógicas como dispositivo (auto)formativo. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, v. 5, n. 13, p. 1–14, 2020.

Submetido em outubro de 2025
Aceito em junho de 2026
Publicado em novembro de 2026